

LAMENTAÇÕES DE TAHOR

MATHEUS ZUCATO

Sua impureza gruda em sua túnica; sua queda causa assombro, não há para ela consolador.
— Lm 1,9.

Antes disso não se soube muito sobre Tabor. Naqueles tempos, como em muitos anteriores, tosquiavam-se as ovelhas no período verde. As chuvas caíam e lavavam as preocupações humanas; era o tempo de sobrevivência. Tabor já era adulto e sua família procurava-lhe uma esposa de importância para cumprir sua descendência. Viviam no afastado dos dois rios, uns rasgos na terra a descerem pelo mundo até o estuário da antiga Babilônia, de onde voltara de peregrinação.

Ainda engatinhava a aurora quando os soldados vieram pelo mapa montados nos cavalos de pelos negros. Os tabletes da anciã precederam o silêncio que tomou conta do acampamento; um mau augúrio rodopiava por ali feito cinzas esvoa-

çadas de fogueira mansa; as crianças foram recolhidas, as mulheres entraram para ocultar o rosto; os parentes de sangue da tribo se posicionaram na recepção do pequeno grupo de soldados que se aproximava. Não se é lembrado pela memória deles quantos eram, mas eram o suficiente.

Quando Tabor foi amarrado pelo pulso, uma nuvem densa cobriu o céu e o calor se desfez num arrepiado. Não olhou para trás, num medo da ira crescer-lhe no peito. De cabeça baixa, os outros homens comentaram que a nuvem era passageira, mas a chuva brava chegava no calar da tarde, e era necessário cuidar do rebanho. Alguns lembraram de outros tempos, e começaram a contar os animais e as pessoas. Tabor foi levado para aprender com os discípulos dos extintos Am'raiiit.

Já não se importava com a incômoda camada de lama seca entre os dedos dos pés. No quarto onde fora trancado a luz solar do crepúsculo mal

podia penetrar, e achou que a lama endurecida ao menos lhe protegeria os pés do frio da noite iminente, pois estava nu e o aprendizado só começava no auge da escuridão da noite. Era sabido. Por horas esperou sentado no solo arenoso do cubículo sem teto, até ouvir do lado de fora da porta maciça os *scholars* [estudiosos] em seus debates incompreensíveis. O contraste entre as temperaturas do dia e da noite eram terríveis. Pensou em beber a própria urina, mas sabia ser sinal claro de desidratação, e o seu pai não recomendava a prática.

Não ficou claro por quê o escolheram dentre todos os aprendizes residentes da casa. Seu cansaço fora recompensado quando finalizaram as confusas palavras ritualísticas e deixaram-no em seu cubículo para dormir. Teve um sonho com os *scholars*. O abrir e fechar dos olhos cansados mostravam pouco do que acontecia na escuridão dominante. Lembrava-se

de pedir por todos os deuses uma pausa no processo de aprendizagem. Nos outros quartos os silenciosos aprendizes julgavam-lhe os gritos de dor. No céu as estrelas pontilhavam a visão turva do universo. A lama remexia-se lenta sob o calor do sangue escoado. Esforçou-se a olhar para um deles, todos sem rostos, e lhe suplicou num sussurro a suspensão. A lança enfiada em sua barriga parecia querer sair pelo lado esquerdo do peito. Berrou por não suportar a dor, mas sua mãe, próxima à entrada do quarto, atrás dos homens sem rosto, garantiu-lhe ser de enorme importância o procedimento. Tiraram-lhe as vestes restantes e o explicaram que o martírio do aprendizado naturalmente causava dor e a dor grafava o conhecimento no cérebro através dos sentimentos, e por eles se era possível compreender o ser humano, um misto dosado de diversas expressões inquietas. Que cada ser humano era diferente de outro

exatamente pela dosagem de expressão sentimental entalhada na mente. Completaram, após longo discurso na antiga língua Am'raiiit, a explicação de que era, portanto, de senso geral e comum, bem aceito por todo o mundo conhecido, e consentido pelos deuses de todos os povos, o método empregado pelos eruditos *scholars*. Era importante a resistência nobre.

Com o respaldo visto na mãe, sob o olhar inclinado das estrelas ofuscadas pela lua brilhante no alto do céu escuro, Tabor aceitou o sonho transformador e entoou um fio musical de lamentações populares que deploravam o luto do mesmo Tabor, o antigo: ele se prostrava em lágrimas, em gemidos, em aflição, em estado solitário, em desnudamento e fome. O seu mundo estava ferido em seus seres internos mais queridos: a criança, o menino, o jovem, o ancião, o sacerdote, o caçador, o profeta e o rei, todos profanados em suas realidades mais puras e

santas, seu templo primordial. Em sua aflição e graças a ela, o Tabor derrotado tomava consciência dos seus males, das suas faltas, de sua revolta e perversidade ontológica. Esse pecado, ele o confessava, fez pesar sobre ele a mão dos benevolentes *scholars*, mais de vinte, os sem rosto que deixaram na lança apontada para fora de seu peito a marca da redenção e, no fundo, a marca do próprio Deus único. Em verdade, a rejeição absoluta de todo o mal provocara a sua ira; apoiou-se nos lados e caiu seco no chão duro, na ausência de material conhecido. O círculo completo da lua cobria todo o espaço acima de sua cabeça, na abertura do cubículo que o aprisionava. O clarão era demais: mesmo de olhos fechados suas vistas se queimaram e percebeu que nunca mais enxergaria o mundo habitual. Na escuridão completa, compreendeu o que só a agonia pode operar no homem. Acordou e caiu com o rosto na lama, que o acolheu de volta.

CRÔNICAS DA MINHA GENTE

DONA SINHAZINHA E SEUS CONVIDADOS (I)

IVAN

Eu teria gostado tanto se vocês três (agora são só dois?), vocês dois – que todo mês me lisonjeiam lendo estes abusos literários – tivessem frequentado as noitadas de música (os saraus da época) que dona Sinhazinha promovia exatamente de quinze em quinze dias, nem mais nem menos. Dona Sinhazinha era uma senhora austera e empertigada, que só puxava recatadamente o canto dos lábios para articular leve sorriso às pessoas que lhe foram formalmente apresentadas. Às demais, nem um olhar de viés, mesmo que sorrateiro, como convém discrição e reserva. Dona Sinhazinha acomodava-se no interior de vestidos de cor neutra, mais para triste ou melancólica, abotoados nos punhos e colo e que escondiam pés silenciosos jamais sondados. O coque nos cabelos completava a mulher altaneira, cautelosa e prudente. Tanto é que a rua onde morou – hoje a inodora Juscelino, sem o nosso sangue – chamou-se Rua da Palha, da Distribuidora, do Campo, do Clube, todas esquecidas ante a Rua da Sinhazinha, o diminutivo que, em vez de abrandar, aumentava de importância a modéstia dissimulada. Todos esses cuidados, para não se ex-

por à língua-de-herpes) do povo, tinham também o propósito de escamotear o lirismo que exalava por todo o corpo de Sinhazinha, gerado por sentimentos nobres, como nobre era sua linhagem.

Depois de enviados os convites aos músicos por ela selecionados, nomeados com letras redondas e adornadas de perninhas, na noite determinada, dona Sinhazinha os esperava não na porta, mas para dentro dela, afastada da curiosidade dos raros transeuntes, quando os recebia com o mesmo sorriso cativo, cortando qualquer lampejo de intimidade. Sempre é bom dizer que os músicos de que estamos falando representavam a gente da nossa sociedade que tinha letras, pois, sem rádio e televisão, eram eles a arte do vilarejo, a cultura da nossa gente, os sinônimos da alegria e das festas.

Vejam que o progresso traz na sua culminância algumas desvantagens, deneigrando a imagem do artista, lançando-o à marginalidade, lugar, aliás, preferido dos poetas. O primeiro a chegar era o Pascoal, com a clarineta desmontada dentro do estojo negro. Entrava cumprimentando com leve movimento da cabeça, tomava assento na cadeira de palhinha, de pernas torneadas e arqueadas, brilhantes de verniz,

o espaldar protegido por capa de morim branco com flores artificiais aplicadas. Enquanto olhava as telas na parede com os donos da casa pintados a óleo, chegava o Tônico com o trombone, o Beque com o bandolim bojudo, o Horácio com pistão e surdina, o Sérvulo com o violão, o Elpidio com a clarineta sem estojo. Por último, como o Bom Samaritano, com o bombardino entrava o Vantim, sorrindo. Estava constituído o grupo; faltaram talvez dois ou três. O Gumercindo tirava o relógio do bolso do colete, imprimia o botão que fazia abrir-lhe a tampa, conferia se não havia atraso: o sarau poderia ter começo. Fechada a porta, dona Sinhazinha se dirigia ao piano. A valsa adejava pelo salão e, tomada de tremores, se derramava pelo chão, escorria pelas paredes, portas, janelas e cortinas. Como um bon-vivant, o Vantim sorria com seu bombardino. De costas, dona Sinhazinha apontava um dedo regente para o teto e o tango de Chiquinha Gonzaga escapava para a rua em ondas perfumadas de notas, atraindo pessoas. E as pessoas aportavam na calçada, distantes uma timidez e meia da janela, se bem que havia os abusados que, por trás do batente lavrado, punham os olhos no ambiente de arte.

A imaculada e virgem

Dulce trazia os quitutes na bandeja de prata: suspiros, cocada, doce de leite, de abóbora, sequilhos, bolachas de nata, biscoitos. Para acompanhar, café, chá-mate ou de erva-cidreira. Quem preferia refresco, sorvia um capilé, mistura de groselha e água. Para o Vantim, Dulce levava o seu preferido bom-bocado. O bombardino e seu músico agradeciam. Conversas sorrateiras, murmúrios, elogios aos doces, sussurros sobre a continuação do sarau, sorrisos contidos das donzelas, olhares furtivos. Quando o objetivo da noite começava a ser esquecido, dona Sinhazinha ajeitava-se ao piano sem a partitura, deixa para o Tônico improvisar uma valsa de três partes, o Horácio no contraponto, as clarinetas em dueto, o violão e o bandolim gemendo em parceria. O momento principiava a se desconstruir, o Vantim sorria no bem-bom da sua cadeira, com seu bombardino. E vinham polcas, mazurcas, xotes, valsinhas de tranças e sapatinhos de verniz, fita no cabelo, imitando borboleta. Às vezes, escondido de Chiquinha Gonzaga, tangos de bigode tingido e paletó de ombreira. Diante de tanta fuzarca anunciada, o senhor Gumercindo retirava o relógio do escaninho do colete e dava por encerrada a noite. Os músicos, depois da solene noite recatada, saíam para a noite desbragada. Ainda era cedo para a cama. Que tal uma serenata? Isso é muito bom, dizia o Elpidio, ajeitando a boquilha para o mesmo sopro criador inventado por Deus. E, se era bom, o bombardino, rouco de paixão, sacramentava a noite, não apenas ao Olim-

po, mas também aos poetas insones da vilazinha. A cidade, então, dormitava cheia de graça. Do bolso, o Vantim retirava o bom-bom surrupiado... e o bom-bombardino, com água na boca, gorgolejava bemóis e sustentidos, molhava notas, encharcava fusas, encantava cafusas janelleiras, liberando a doce e dolente valsa, apascentando a madrugada que vinha lenta, com medo de atrapalhar a seresta com sua claridade. Aproveitando a oportunidade, na cumeeira do Sobrado dos Guarini, um gato pardo assediou uma gata, antes esquiava, porém agora seduzida e dominada pela valsa. Deitou-se na telha

iluminada por uma réstia de luar e, lasciva, ronronou sensualmente.

Aquela saudadezinha distante e fugidia que ficou na gente, desvanecida e furtiva, quase sempre é resto de uma cena que se pensava haver desaparecido, mas que ficou entalada na alma e, de vez em quando, aflora nos olhos que já se iam apagando.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020

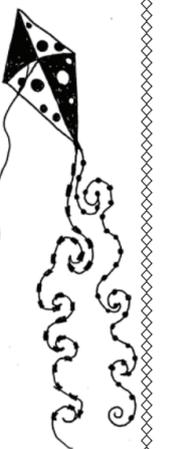
TEMPO

tempo é vento
indivisível e intenso
que nunca para
de ventar

e meu tempo é trem
caótico e desgovernado
nas curvas turvas
das madrugadas
e nos obscuros túneis
sem fim

pois sou mesmo assim
passageiro do tempo
e das estações confusas
em mim

Kuaia



MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 73

ISMAEL RIELI

Muito gostoso de ler o último livro de Chico Buarque BAMBINO A ROMA.

São as recordações de 2 anos de sua infância morando na Cidade Eterna, quando para lá se mudaram o professor Sérgio Buarque de Holanda (Raízes do Brasil), a esposa e os 7 filhos. Sérgio tinha sido contratado para lecionar na Universidade de Roma. Chico narra a "contentezza" ao ganhar uma verdadeira bola de capotão e uma bicicleta em que pedalava pelas ruas e bairros próximos ao apartamento onde moravam. Recorda a namoradinha esnobe a quem escreveu um romance, um calhamaço que, ingrata, ela jogou na sarjeta e a enxurrada levou.

Amadeo, filho do quitandeiro, era o amiguinho com quem chutava bola e a quem ele o presenteou no dia de sua partida rumo a Gênova onde embarcariam de volta à pátria.

A espevitada Graziella, namoradinha do Amadeo, estava na quitanda e depois, do outro lado da rua, com uma mexerica na mão aguardava o brasileiro para dele despedir-se na Vila Paga-

nini.

Era uma mexerica de 7 gomos que traz boa fortuna. Descascou-a e deu-lhe para chupar, um a um os 7 gomos aromatizados, pelo seu corpo em cuja parte subalterna os umedecia.

Muitos anos depois, voltando à rua onde morara, para matar a saudade, Chico encontra um farrapo humano. Era o Amadeo.

X X X

Cadaquá com seu picuá

X X X

O brasileiro ainda é cordial?

Vivo fosse, mestre Sérgio Buarque ainda acharia que o brasileiro é cordial?

Depois que surgiu em nossas vidas um tal messias, a cinzânia, a discórdia tomaram conta de muitas famílias: irmãos contra irmãos; primos contra primos; filhos contra pais por causa de divergências políticas. Imperam o radicalismo, a intolerância, as *fake news*.

Eu conheço, tu conheces, nós conhecemos famílias desunidas por causa da política.

O Brasil está mudado. Está diferente.

Com cerca de quase 800 mil detentos, já não somos mais um país cor-

dial.

Outro fator que atacou nossa cordialidade é o celular, a internet.

Conversar é um hábito em decadência. Numa sala de espera de médicos com 10 pessoas, 8 estão vidradas no celular. Funcionários com foninhos nas nádegas compulsamos a todo instante.

Crianças não brincam mais: escravas do celular. Necessário e oportuno o projeto de lei que proíbe celulares na sala de aula. Tarefa difícil ser professor hoje. É desigual a disputa com a internet. É evidente que usada com moderação, a internet é muito útil, instrutiva, ágil, rápida, abrangente.

Cordial vem do latim cor – cordis = coração esse órgão encarregado de enviar sangue pra todos o cantos dessa máquina perfeita e complexa. É nele também que moram o amor, a amizade, a bondade.

Quando você recita uma poesia de cor (par coeur, by heart) é porque você gosta dela e a guarda no coração, na memória.

X X X

Duas piadas de Ary Toledo

Velhinho Esquecido

O velhinho, de cabelos branquinhos, chegou lá no céu. Jesus o rece-

beu de braços abertos, perguntando:

- Quem és tu, meu bom velho?

- E-eu estou c-com a memória fraca... quase não me lembro de nada! Só lembro que lá na terra eu fui carpinteiro e tive um filho que ficou muito famoso!

Emocionado, Jesus o abraçou e falou:

- Papai!

E o velhinho:

- Pinóquio!

Tancredo e Tiradentes Tancredo Neves chegou lá no céu e encontrou o Tiradentes. E ele falou:

- Joaquim José da Silva Xavier, o mártir da Inconfidência! Mineiro como eu, de São João Del Rey, que deu a vida pela liberdade do Brasil! Eu também, Joaquim José... eu, como você, entrei na faca, fui retalhado que nem você...

E o Tiradentes:

- É... mas o senhor foi com anestesia geral, né?

X X X

Mais uma dúzia de quadrinhas.

A sorrir, você me disse:

- Meu amor, sou sua escrava...

Entretanto, era a rainha.

Que ao escrevo assim falava...

Erasmus Silva

Tudo passa neste mun-

do,

Tudo na vida tem fim; Só não terminam as horas

Que vives longe de mim!

Gerardo Alvim Portugal, quando nasceu.

Ao clarão das cinco chagas,

A missão que Deus lhe deu

Foi abrir sulcos nas vagas!

J.Ribeiro

Tenho tua imagem tão viva

É tão dentro de meu ser

Que quando quero lembrar-te

Fecho os olhos...para ver!...

Jessy Barbosa

Velhice, sonhos desfeitos,

Toque mágico da ida-de

Que abre as portas de noss'alma

Para hospedar a saudade.

José Carlos Bonfim

Tudo no mundo é ruina

Sem o teu amor, querida.

Teu amor é como a chuva

Para a planta ressequida.

Olavo Dantas

Que por maluco me tomem,

Diga o mundo o que

quiser...

- Três coisas precisa o homem:

Mulher, mulher... e mulher!

Oscar Baptista

Construímos nosso ninho,

Mas é justo assinalar:

Fiz, apenas, uma casa, E dela fizeste um lar...

Batista Nunes

Sabe por que vivo triste?

Por que são tristes meus dias?

E' porque sinto saudades

Das saudades que sentia...

Renato Bastos Vieira Deus! Senhor de astros e mares,

Do mundo supremo é dono,

Porque fizeste luareis

E porque nos deste sono?

Silveira Carvalho

Para um homem ser feliz

Basta que seja capaz

De querer o que possui,

E achar que já tem demais.

Delmar Barrão

Saudade – leve tormento,

Que unes a dor ao prazer;

És um doce sofrimento

Que ajuda a gente a viver.

Yara Villani.

PAULO FRANCO

Dona Glória é dessas pessoas que estão longe de passar imperceptíveis pela vida e por conseguinte não deixa incólumes os que a cercam. É minha vizinha há anos. Dona de um bom humor invejável e uma empatia que a todos encanta e comove. Não preza pela

discrição ao se vestir, suas idas e vindas são sempre um acontecimento de figurino e adereços, o que de uma certa maneira contrasta com o que vou relatar a seguir.

Aconteceu que na última sexta-feira, dia da famigerada *Black Friday*, Dona Glória, celular em punho, me pediu ajuda pra fazer uma compra na inter-

net. Confesso que senti um certo pânico ao tentar imaginar o que poderia me aguardar, mas em seguida veio um alívio ao ver que se tratava de uma coisa bem prosaica. Dona Glória queria comprar uma mera calça jeans. Ufa! Peguei o celular, ela me disse o nome da loja e rapidamente começamos a olhar os modelos. Ao contrário do que eu pudesse supor, ela se mostrou uma compradora bastante objetiva e sem muita demora encontrou por R\$49,90 uma calça, que segundo o anúncio custaria R\$119,90 (valor que eu questionaria muito) e um frete de R\$7,90. Compra feita, vida que segue. Seria assim em qualquer outro roteiro, jamais no de Dona Glória. A ansiedade se instaurou e até aquele peculiar bom humor estava seriamente ameaçado. Os dias passando, a impaciência dela aumentando, até que finalmente, para alívio geral, o pacote chegou. Eu

mesmo o recebi, porque Dona Glória tinha saído pra sacar um dinheiro da aposentadoria, não sem antes me fazer um milhão de recomendações sobre o seu pedido que estava para chegar. Quando ela retornou, prontamente entreguei-lhe o embrulho e findei aquela angústia toda. Parecia uma criança caminhando pra casa com um brinquedo novo. Não tardou para que eu tivesse notícias. O meu telefone tocou e o inusitado: era um pedido de socorro. Corri imediatamente para ver o que estava acontecendo e encontrei uma cena Feliniana: Dona Glória sentada no tapete da sala, encostada no sofá, com os dois pés enfiados na calça até a altura dos joelhos, tentando inutilmente esconder uma calçola de algodão, incredivelmente estampada com a família Simpsons, muito constrangida ela tentava ao mesmo tempo se proteger e libertar os

seus pés presos dentro da calça. Comecei tentando puxar pelas duas barras da calça, mas ela tinha forçado tanto pra cima na tentativa de vesti-las que eu não obtinha êxito. Forçar pra cima também não me parecia uma boa ideia porque Dona Glória não era uma senhora magra, tinha grandes quadris e avantajados culotes e a calça visivelmente parecia conter menos tecido do que a área a se vestir. Talvez, no afã de se ver logo com a calça, a pobre não tenha se atentado para esse fato. Acabei por concluir que só uma tesoura nos tiraria daquela situação. Meio chorosa Dona Glória concordou. E assim, cortei as duas barras até a altura do tornozelo, com todo cuidado é consegui puxar a calça. Ela saiu se esgueirando pelo chão mesmo, rumo ao quarto e eu passei a analisar melhor a calça. Olhei a etiqueta: 46. Sobre o sofá o pacote com o

pedido. Peguei-o: calça skinny 48. Skinny? Uma consulta rápida no Google e descobri um rol de nomes: skinny, cigarrate, flare, reta, cropped, etc (fato que eu não tinha me apercebido no dia da compra). E skinny irrefutavelmente não era a melhor opção, além do número menor. Num átimo imaginei o sufoco da vizinha tentando vestir e depois tentando se desvencilhar da calça muito menor que o seu corpo. Fui tirado desse devaneio com a súbita aparição de Dona Glória.

Em grande estilo, como sempre, ela vestia uma calça fusô (que agora eu já chamava pelo nome) com estampa de zebra e uma blusa de lantejoulas pretas tão brilhantes, que apagava qualquer sombra de constrangimento que pudesse pairar no ambiente. E estava de volta, pronta para a vida, em todo o seu esplendor e aura, a boa e velha Dona Glória!

THAIS

Thais,

qual o nome dar a esta felicidade?

... Escolhemos Thais.

De origem grega, que significa:

Aquela que é amada e querida.

Carismática, sensível e determinada.

Amorosa, acima de tudo.

Yoshiharu Endo

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados nacionais e importados

Fone: (35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136 - Centro (PRAINHA)

Monte Sião - MG CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar Engº Mecânico Automobilístico

DELTA FOTO

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino (35)3465 1355 - 9 9114 9447

A CLARINETA DO ADELINO E O VIOLÃO DO LARDO

Neste mundão infinito a dupla em cantoria
Faz parte do cotidiano de companheiros
Com que amizade eles na igreja se uniam
O Adelino clarinetista e o Lardo um violeiro

Já a Dona Cida sabia entoar os hinos
E até mesmo o bondoso padre
Gostava tanto das afinadas entoações dos meninos
Como se fossem os dois partes da cidade

Com que maestria a dupla Lino e Lardo combinavam
Não só na parte religiosa mas também na profana
Animavam bailes arrasta-pé e se aprimoravam
Numa entoação e combinação mui bacana

Mas na terra tudo tem uma certa duração
Foi quando o Adelino deu suas dolorosas despedidas
Partiu deste mundo e deixando com emoção
A clarineta que tanto tocou em sua vida

E Dona Cida em se tratando daquele instrumento
Faz a doação a quem sempre esteve ao lado do marido
Deu-lhe com a mais comovida de puro sentimento
Para que o Lardo guardasse aquele dom muito querido

E como ele tratava muito bem aquela joia musical
Olhava contemplava lustrava amaciava
Para ele é como se fosse um presente angelical
Doado por quem em vida ele tocava

Mas assim como o Lino o Lardo deu suas despedidas
Na terra deixando seu violão e a clarineta doada
E assim nossa cidade ficou órfã de pessoas queridas
Que em vida quase a vida inteira foi compartilhada

Mas sabemos que em Monte Sião tem uma pessoa
Que além de ser muito estimada e querida
Soube conquistar com suas crônicas muito boas
Que foi o saudoso Ivan Mariano em toda sua vida

Quando lemos a crônica do Ivan Mariano Silva, 'A clarineta e o violão', no Jornal Monte Sião, edição de maio/2024, nº 623)

Arlindo Bellini

DANILO ZUCATO ROBERT

No final do século XIX, vários pensadores voltaram sua atenção para as implicações sociais da modernidade, em especial o crescimento da sociedade capitalista industrial. Dentre eles estavam Weber, Durkheim e Ferdinand Tönnies. É deste último que se trata este breve artigo.

A maior contribuição do alemão para a Sociologia foi sua análise de dois tipos de agrupamento social em contraste. Tal análise apareceu em seu livro 'Gemeinschaft e Gesellschaft', publicada em 1887.

Nesta obra, o autor apontava para aquilo que via como a distinção entre as comunidades rurais e a moderna sociedade industrializada. As primeiras, argumentava, são caracterizadas pela 'Gemeinschaft' ou 'comunidade', baseada em laços familiares e grupos sociais, como a Igreja. Comunidades pequenas tendem a ter metas e crenças comuns, e a interação dentro delas se dá com base na confiança e na cooperação.

Nas sociedades de maior escala, como as

ciudades modernas, a divisão de trabalho e a mobilidade da força de trabalho erodiram os laços tradicionais. No lugar da comunidade, passou a existir a 'Gesellschaft', que seria como 'associação' ou 'sociedade'. Os relacionamentos em tais sociedades são mais impessoais e superficiais, baseados no interesse próprio em vez de na ajuda mútua.

Segundo Tönnies, os dois tipos de agrupamento existem em maior ou menor escala em todo grupo de pessoas, mas ele defendia que a lógica do capitalismo e da competição havia levado as pessoas à predominância de meras associações na sociedade industrial em que viviam.

Em cada um dos tipos de interação social acima, há a predominância de um tipo específico de vontade humana: vontade natural, de fazer algo para o próprio bem, ou algo que surge do hábito, costume e obrigação moral; e do outro lado, a vontade racional, visando atingir metas específicas, e esta seria o tipo de vontade por trás das decisões feitas em grandes organizações ou empresas.

Tönnies lamentava a

passagem de um tipo de organização para o outro, pois a diferença de ligação humana é óbvia. Sua obra, apesar de ter mais de cem anos, é atual. É no mínimo interessante imaginar o que ele escreveria hoje sobre os laços predominantes: as redes sociais.

Nos laços de 'sociedade', predomina o comércio como comunicação. Tudo é mercadoria, inclusive pessoas...afinal, o que é o LinkedIn? Predominando o capital como linguagem, há abertura para se traduzir tudo no mesmo idioma monetário, e como exemplo, vemos claramente a tradução dos termos natalinos emotivos em técnicas de propaganda para persuadir. Assim, 'família', 'tradição', 'festa', 'felicidade' e 'bem-estar' se transformam, indiretamente, em mercadoria, pois, ao se adquirir determinados produtos ou serviços, se adquire felicidade e bem-estar para si ou para entes queridos.

O Natal, na Gesellschaft, troca seu sentido religioso-comunitário para o sentido mercadológico-comercial. O sagrado se transforma no profano e perdemos o sentido transcenden-

te-histórico desta data comemorativa, transformando-a em uma data que para muitos se traduz em não-trabalho e compras.

Na Gemeinschaft, o Natal permanece predominantemente religioso e familiar, comemorativo, tradicional, habitual, nostálgico e com um tom de luz amarelado que traz conforto, bem-estar e segurança. E eis o principal problema da profanação desta data: o Natal da comunidade nos mantém situados em valores e sentidos de vida claros e sólidos. Aqui sabemos quem somos, o que é e o que será o 25º dia de todo Dezembro. O Natal da sociedade (Gesellschaft) é líquido, incolor, incerto, mercadológico e constantemente mutável. Neste, não sabemos o que é fixo, além do feriado e da 'promoção de fim de ano'. O Natal da sociedade não nos deixa ter bases sólidas fora do trabalho/mercado. Estas bases laborais não podem ser usadas como alicerces de valores e sentidos de vida, senão passamos de 'o Natal pertence ao nosso tempo' para 'nós pertencemos ao tempo do mercado'.

MONTE SIÃO: AOS SPONSORS E PROMOTORES DE EVENTOS E TURISMO

L. A. GENGHINI

Além das ações institucionais do poder público, no caso a prefeitura municipal, há, também, que se considerar o potencial da iniciativa privada por intermédio de indivíduos, grupos, empreendimentos e ONGs que possuem consideráveis condições de produzir eventos culturais, artísticos, desportivos e turísticos destinados a incrementar o turismo na cidade, ajudando, concomitantemente, na divulgação e venda da indústria malharista, dos produtos artesanais produzidos pelos pequenos produtores rurais e a nossa icônica porcelana azul e branca.

Até onde se sabe, o orçamento municipal possui uma sigla (verba carimbada) que, uma vez determinada na peça orçamentária, não pode ser utilizada para outra finalidade, a não ser aquela para a qual foi designada.

A distribuição da verba destinada à área, que acomoda as espécies citadas acima é exclusiva, de modo que se a prefeitura não promover a destinação/distribuição das re-

feridas verbas os valores devem ser devolvidos ao agente dotador das verbas, no caso, o estado.

Diante disto, à prefeitura cabe a elaboração do normativo estabelecendo as regras para aprovação dos projetos, as escalas de execução e os procedimentos de prestação de contas, dentre outros detalhes que possam influenciar determinadas vertentes, em função da categoria do projeto contemplado.

Uma vez preparado o arcabouço normativo e já tendo a verba designada em orçamento, cabe ao poder público dar conhecimento das regras por meio de editais, determinar o calendário, receber e julgar os projetos, e, se aprovados, instruir a implantação, iniciando com a liberação dos recursos, cuja utilização será comprovada, ao final, diante da autoridade competente.

Aos projetos eleitos para implantação, caberá, além da ARTE a que se propõe, manter rigorosa contabilidade, assentada em comprovantes válidos do ponto de vista fiscal e contábil, a fim de que as

prestações de contas sejam aceitas sem maiores questionamentos. Tudo com nota fiscal, quente.

Os implantadores de projetos custeados por verbas públicas que se descuidarem da documentação na prestação de contas correm graves riscos de serem processados e incitados a repor os valores que não foram homologados pela autoridade fiscalizadora. Nesse sentido, é prudente e aconselhável que os gestores de projetos bancados por recursos públicos tenham acesso a consultoria jurídica e contábil, bem como, devem assessorar-se de competente serviço de secretaria.

Reconhecemos que além da arte, do esporte e da cultura, a administração deve ser fator básica nas preocupações dos Artistas, coisa que, sabemos, é muito difícil e entediante.

Mesmo assim, pelo conhecimento que temos, em Monte Sião parece que o pessoal dedicado às artes vem enfrentando, também, aparentes demoras injustificadas, uma vez que desde janeiro deste ano até o início

de novembro não haviam sido publicados os editais e os normativos relativos à utilização das verbas específicas dotadas em orçamento.

Por mais que pareça que o pessoal da prefeitura entenda que pode atender às demandas por eventos, o que justificaria a não liberação dos normativos e o consequente não repasse de verbas, nada justifica manter sob alijamento toda a classe artística do município que vem agonizando, perplexa por não vislumbrar, já no limiar do final do ano, receber as diretrizes para seleção de projetos/2024.

Ao benefício das dúvidas, imagina-se que tudo se explique, entretanto foi um "ano perdido", pode se dizer, restando a crença de que essa gente dedicada às artes não sucumbia às dificuldades e, com certeza, no próximo ano, o prefeito eleito corrija os procedimentos e priorize a agenda, podendo desfrutar das parcerias para animar a comunidade e projetar a cidade como um bom destino aos turistas.

Alea jacta est!



"CHUVA E FUMAÇA"
FLAVIA



No horizonte da melancolia,
a chuva dança em silêncio.

SUPERMERCADO SHIMODA

Onde seu dinheiro compra mais

Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes

Oliveira

A melhor carne da região!

Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000

(35) 3465 1817 / 3465 2109



**ALINHAMENTO E
BALANCEAMENTO DE RODAS,
ESCAPAMENTOS,
AMORTECEDORES, BATERIAS**

RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADOURO) **3465-5463**

PRESENTE DE NATAL?

DURVAL TAVARES

Numa cesta, num Natal, lá estava um presente pouco esperado. Com um chamado nada tradicional: “RQ! Cadê você?”. O rapaz grita: PRESENTE, OBA! PRESENTE! A ele foi, então, entregue um pacote amarrotado, mofado, com laço mal dado, pesado. O presente era mesmo ao RQ endeçado, o presenteado, presente de muitos remetentes. Será que trouxe o esperado? “Esperado” para quem nunca esperou presente algum, é muito engraçado. E os parentes presentes, próximos do RQ, estavam todos na expectativa de saber o que o pacote continha. Afinal, presente, para muita gente, não era normal naquela longínqua Manguá. Curiosidade mata? Laço desatado e para surpresa de todos, algo inusitado: o conteúdo era parte do seu passado, passado que RQ não escondia de ninguém, mas do qual pouco se lembrava também (esse presente inventado pode render mais um zero, paciência). Passado bem passado, passado imutável, cheio de boas e de más recordações. RQ teve o bom senso de, de antemão, buscar um lenço, muito útil nesses momentos de tantas recordações. Bem, ele assim descreveu o que recebeu, em prosa que mais parece verso: “Será que trouxe algo útil? Bom, talvez

sim, talvez não. Dentro, só lances de um passado que estava bem guardado. Algo a ser explorado, ou não. Passado a ser passado a limpo, cheio de boas e de más recordações. Um carrinho de rolimã de roda quebrada, com o qual brincava na rua e levantava poeira, poeira vermelha, poeira lá do sertão. Uma bola de meia, tão suja quanto ele ficava quando, na chuva, pelada jogava. Uma luva por ele tanto desprezada. Goleiro não! Era um frangueiro. Deixa isso pro Jorjão Jr., filho do Jorjão, o dono da bola. Um peão (ou pião) riscado, sem o cordão com o qual o fazia dar rodopios. Uma latinha com bolinhas de gude, very gude mornings! De lembranças coisas boas e ruins. Boa mesmo, é que gostava da garoa. Da garoa sob a qual corria leve, livre, pulava à toa, sempre descalço. Sapato, pra quê sapato? Trazia fortemente guardada a lembrança dos generosos avós. Do carinho de uma das avós de quem era xodó, saltou-lhe à memória o sabor do grão de bico no bico, coisa boa na vida. E daquele delicioso mantecal? Da sopa de cebola, quente ou fria, que disfarçava e deixava na pia. Mais a brilhante presença no coreto do Maestro Parmiro. Da cerimônia do lava-pés, quando sua mãe Bárbara se transforma em profetiza e atendia a esse de-

sejo do nonno. O encanto de canto da avó Ema, a voz de siriema, voz essa que causava inveja até ao seu galinho Bico de Vinil. O que falar do doce aroma dos lírios do jardim da mãe do Y-irio? E das hortaliças da bárbara horta de sua mãe, a Barbara? Se há lembranças de coisas boas, de ruínas nunca se esquece, como o fora seu mergulho insano no rio Tamanduá da Grande Manguá, salvo que fora pelo seu herói, o Ricardo Coração de Leão, sempre na mente presente. Nem deveria estar embrulhado num pacote do passado. E daquele primeiro zero que não julgou justo, embora pequeno demais para julgar. Aquela infeliz redação, feita com boa intenção, o transformou em vilão e ganhou um apelido na ocasião: Ki-zero, Ki-zero, Ki-notão. Ali começou sua fase de resolver alguns problemas no braço, que o diga seu irmão caçula. Mas, não há como não lembrar do barulho da roda da carroça do Zio Niba. Era canção tão boa quanto o era o canto, ainda presente, do seu galinho: KiKiRiKiKi-KiZero! E do Pezzolo, seu cão? Será lembrado noutra ocasião, porque foi doída a mordida de um doído cão. Um vira-lata de plantão”.

Esse tipo de presente pode ser considerado para um punhado de gente “um presente de gre-

go” (expressão popular sobre o recebimento de algum presente que traz prejuízo ao presenteado, ao contrário do que era esperado; um verdadeiro Cavalo de Troia – conforme descrito em “Ilíada de Homero”). Porém, todavia, contudo, entretanto, ainda assim, apesar disso, não obstante, nada obstante, sem embargo, em todo caso, se bem trabalhado, pode ser muito bem recebido, como o fora pelo RQ, que pensou em voz alta: Melhor isso do que nada! Meglio questo che niente! Até ganhou fôlego e cantou: “Non hai ieri, non hai domani, tutto è ormai nelle tue mani, ... Senza Fine”.

Não se pode viver do passado, nem reviver o passado, mas de algum jeito dele podemos tirar algum proveito para o presente e o futuro. Basta atentar para os erros cometidos e evitar sua repetição, o que, se ocorrer, será burrice mesmo. Ou, quem sabe, aprimorar o que deu certo e por certo a vida ficará bem melhor. Que tal começar fazendo uma lista, como nos ensina Oswaldo Montenegro? (Faça uma lista de grandes amigos/.../Faça uma lista dos sonhos que tinha/.../ Quantos mistérios que você sondava/Quantos você conseguiu entender...).

Buon Natale! Com la famiglia e gli amici. Un bel regalo! Ciao.



Popo de Sião

AUSÊNCIAS

a mãe inventou uma gata miado meigo que arrastava chinelos por toda casa mas fugiu e não voltou

inventou um papagaio poeta fingido e visionário de fala mansa e pausada que voou e disse adeus

depois descobri que a mãe que inventava histórias ao redor do fogão um dia não inventou

e tudo ficou sem graça na casa que sempre havia canecas de chocolate ternuras e pão de ló

hoje passo pela calçada de minha inexistente casa para sentir o aroma doce das roscas de natal

kuaia

HERANÇA É O QUE VOCÊ DEIXA PARA AS PESSOAS. LEGADO É O QUE VOCÊ DEIXA NAS PESSOAS.

LEONARDO LABEGALINI

Naquela manhã ensolarada, Téo entrou na cafeteria e ao sentar-se na mesa próxima à janela, foi tomado pelo aroma de café fresco. Logo, o Líder Inspirador chegou e, com o semblante sereno de sempre, cumprimentou Téo e se sentou.

— Como posso ajudar hoje? — perguntou o Líder, sorrindo.

— Tenho pensado muito sobre o impacto que quero deixar. Quero que meu trabalho vá além de mim e faça diferença na vida das pessoas. Não quero apenas uma boa lembrança, mas algo que continue com elas — respondeu

Téo.

O Líder Inspirador concordou, compreendendo exatamente o que Téo procurava.

— O que você descreve, Téo, é a diferença entre herança e legado. Herança é o que você deixa para as pessoas; legado é o que você deixa dentro delas. E são poucos os líderes que focam em construir um bom legado. Muitos deixam até mesmo um legado negativo — ele parou, tomando um gole de café. — É comum ouvir que a principal razão para as pessoas saírem de empresas é a má convivência com seus líderes.

Téo pensou nos líderes que conhecia, lembrando-se de alguns que

tinham deixado marcas negativas, enquanto outros haviam inspirado e motivado.

— Como eu posso construir um legado positivo? — perguntou, curioso.

O Líder Inspirador explicou com calma:

— Comece a procurar o “ouro escondido” nas pessoas ao seu redor. Todos têm talentos e habilidades únicas, verdadeiros tesouros esperando para serem descobertos. Um líder que vê esses talentos e ajuda as pessoas a usá-los cria um legado que vai muito além de seu tempo.

Téo ficou intrigado, gostando da ideia, mas querendo entender como aplicar isso.

— É como uma caça

ao tesouro — continuou o Líder, com um brilho nos olhos. — Cada pessoa é um território com riquezas únicas, mas o mapa para esses tesouros está, muitas vezes, escondido. Alguns nem sabem que o mapa existe e outros precisam de ajuda para entendê-lo.

A ideia começou a fazer sentido para Téo. Ele percebeu que, muitas vezes, focava mais em metas e tarefas do que em observar as pessoas ao seu redor e ajudá-las a desenvolver suas habilidades.

— Então, como líder, devo ajudar as pessoas a descobrirem e a usarem seus talentos? — perguntou Téo, buscando confirmação.

— Exatamente. Pense

bilidade pode mudar a vida de alguém. Ao fazer isso, você cria um legado genuíno, algo que se multiplica através das pessoas que ajudou.

Enquanto tomava o último gole de seu café, Téo sentiu uma clareza nova sobre o que significava deixar um legado verdadeiro. Sabia que, a partir daquele momento, seu papel não seria apenas liderar, mas guiar sua equipe em direção aos próprios talentos.

Antes de se despedir, o Líder Inspirador deu um último conselho:

— Lembre-se, Téo: o tesouro mais precioso pode estar bem debaixo do seu nariz. Só é preciso boa vontade e paciência para encontrá-lo.

OS BICHOS

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Dizem que os homens são racionais e os animais são irracionais. Não sei. O que você acha? Eu vejo muitos filmes sobre a natureza selvagem. Você já viu dois leões enormes lutando, com aquelas garras afiadas e presas pontiagudas? Cada patada ou mordida simplesmente dilacera o adversário mais fraco. Não existe meio termo: é vida ou morte. Brigam por território, comida ou fêmeas. Simples assim. Penso que não preciso perguntar se você sabe o que é uma bomba atômica ou

um míssil. Acho que sabe. No mínimo, deve ver televisão de vez em quando e fica sabendo dos milhares de mísseis que um país fica jogando no outro. Quando cai do outro lado, a destruição é completa. Se não sabe, pesquise sobre Hiroshima e Nagasaki. Ou então, veja fotos recentes da Faixa de Gaza. Outro dia um analista disse que Gaza não existe mais. Nem se trata mais de “reconstruir”. Acabou. A mesma coisa começa a acontecer no Líbano. Outro dia vi esta cena (você também deve ter visto): pessoas andando normalmente pelas ruas de Beirute quando,

de repente, um míssil destrói um prédio inteiro. As pessoas ao redor nem se espantam, simplesmente olham aquela destruição e continuam andando, como se estivessem passeando numa praia. Já se acostumaram com a guerra. Já se acostumaram com a destruição. Já se acostumaram com a morte. Sinceramente, não sei o que significa o futuro para essa gente. Existe um ódio mortal entre eles. Desavenças que se perpetuam por milênios. Uns pedem a paz, outros pedem vingança, alguns rezam e muitos não esperam mais nada. Eu fico pensando em leões...

J. CARLOS GROSSI

De extrema eficiência no trabalho, atravessava horários extras prazerosamente. Detalhista, de fortíssima opinião sobre todas as coisas, competente, austero, exemplo de caráter.

Porém a vida lhe chamava para aventuras e a família reclamava suas ausências, inutilmente. Pois havia planos insubstituíveis em sua cabeça e devia de avolumar economias.

Contudo vivia irritado por pouco aumento de metas. Então o tem-

O VAZIO

po haveria de cobrar sua insatisfação e lhe espalhou brotoejas por todo o corpo, que se tornaram furúnculos e vazaram. E deles pequenos furos cresceram e se alargaram.

Quando me mostrou, eram buracos que cabiam punhos fechados e via-se do outro lado. Mas disse-me que não doíam e nem lhe incomodavam.

Dava para ver-lhe os rijos músculos e as latentes artérias. Mesmo assim em nada alterou sua volúpia em conseguir metas cada vez mais ambiciosas.

E começaram a lhe es-

correr, pelos buracos, todos os seus sentimentos: sonhos, fantasias, paixões e mesmo os pequenos prazeres. Contudo não se abalou, pois era um homem rígido, soberbo, admirável, com todas as qualidades que sua vida exigia...

E jamais deixaria de conquistar mais e mais tesouros enquanto os buracos aumentavam, dele mesmo pouco restando e nem se importava.

Foi assim que em uma manhã, quando a esposa e os filhos foram chamá-lo, ele já não estava. Havia se tornado um imenso vazio.

CEIM TREM DA ALEGRIA

BETÂNIA DA SILVA (DIRETORA ESCOLAR)

O Centro de Educação Infantil “Trem da Alegria” está localizado na Rua Juscelino Kubitschek de Oliveira, nº 926, no Centro de Monte Sião/MG. A escola foi inaugurada em 2010, durante a gestão do prefeito José Rafael de Castro Ribeiro.

Funcionamos em pe-

ríodo integral, com 10 horas diárias de atividades, atendendo 232 crianças de 4 e 5 anos, distribuídas em 6 turmas de Pré I e 6 turmas de Pré II. Nossa equipe é composta por 56 profissionais, entre professores, monitoras e auxiliares de educação infantil, todos com formação pedagógica, que se dedicam ao cuidado e desenvolvimento dos

alunos. Atualmente, a direção é exercida pela professora Betânia da Silva, e a supervisão está sob a responsabilidade de Márcia Vesco Bezerra.

Oferecemos cinco refeições diárias, seguras e nutritivas, com cardápios elaborados por uma equipe técnica de nutricionistas, visando à promoção da saúde dos alunos por meio da

merenda escolar.

Todas as sextas-feiras, realizamos o “Momento Cívico”, em que uma turma faz uma apresentação especial, e cantamos o Hino Nacional, o Hino de Monte Sião e o Hino da nossa escola.

Neste ano, estamos desenvolvendo o “Projeto de Leitura” com o objetivo de despertar o gosto pela leitura e en-

volver as famílias nessa prática. Queremos proporcionar às crianças o contato com diversos livros, incentivando o desenvolvimento da linguagem verbal e fortalecendo o vínculo familiar por meio da leitura.

O projeto é realizado com a “Sacola Viajante”, que, todas as segundas-feiras, é enviada para a casa de um aluno contendo um li-

vro. A criança lê a história com a família e faz um desenho sobre o que leu. A sacola é devolvida na quarta-feira para que outro aluno possa participar da atividade, e assim sucessivamente. O projeto tem sido um sucesso, com as crianças demonstrando grande entusiasmo ao recontar as histórias para os colegas na escola.

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

ZÉ BOSTINHA

JOSÉ ANTONIO ANDRETA

Pequeno, pobre, franzino, esmolambado, uma figura frágil e desamparada, tão sem expressão que justificava e que foi a causa do apelido que o tornara conhecido: Zé Bostinha.

Ganhava a vida fazendo os biscates miúdos que o dia a dia, por pior que seja, oferece: limpar um quintal, descarregar um caminhão, um servicinho aqui, outro acolá, trabalhando quando havia o que fazer, ficando parado a maior parte do tempo, arrastando seu

perfil magro pelas veredas do tempo, carregando o nome do qual não podia se livrar: Zé Bostinha.

E o que mais? Ah, sim, havia a cachaça. Ah, sim, havia também a mulher com quem vivia e que acabou por tornar-se o pivô de sua morte. E que foi simplesmente chamada de “amasiada” no processo que depois tramitou pela delegacia e pelo fórum.

Por que “amasiada” e não esposa, companheira, mulher, carmetade, patroa? Talvez porque a figura inexpressiva de Zé Bostinha não fizesse jus à contrapartida de esposo, companheiro, marido, chefe de família, homem da casa. Ou talvez porque, embora ela vivesse com o Zé Bostinha, ele não era o único a desfrutar seus favores conjugais.

Outros repartiam com ele a mulher e um desses outros, por fim, tornou-se o algoz do desafortunado Zé Bostinha.

Aliás, a morte do pobre Zé Bostinha foi tão sem expressão quanto ele próprio: uma noite, discutiu com um dos amantes da mulher e este, irado e fisicamente superior, aplicou-lhe uma surra. De pau. Surra tão forte que aquele corpo franzino não resistiu: depois de uma noite inteira gemendo de dores, a morte cheinou e colheu a vida de Zé Bostinha quando o dia começava a amanhecer.

Na parede da casa, o calendário colorido que assistiu a agonia do raquítico Zé Bostinha indicava, em números vermelhos, que daí a pouco chegaria o tempo da Semana Santa, com suas procissões e suas

mensagens de fraternidade entre os homens.

Padre Hans e padre Teodoro, dois missionários católicos estrangeiros com insuficiente tempo no Brasil para que pudessem evitar as armadilhas de nosso idioma, foram destacados para auxiliar o pároco de Monte Sião nos serviços litúrgicos da Semana Santa do ano em que Zé Bostinha morreu.

E eles vieram, com seus rostos avermelhados e suas falas com sotaque arrastado. Numa tarde, reuniram as crianças na igreja matriz, para que padre Hans, com sotaque e tudo, lhes fizesse uma pregação. O padre, depois de falar sobre a vida de Jesus, lançou a pergunta, tropeçando nos erros:

– Vejamos se vocês sabem: quem foi o ho-

mem que nasceu pobre, viveu na pobreza e morreu de morte dolorosa, depois de apanhar bastante?

O padre Hans esperava que todas aquelas crianças, num coro uníssono e forte, gritassem o nome de Jesus. Mas a igreja permaneceu em silêncio. Por isso, modificou a pergunta para que as crianças a entendessem:

– Quem foi o homem pobre que foi torturado e morreu por esta época?

Um menino, timidamente, levantou a mão, numa quase imperceptível indicação que sabia a resposta. Padre Teodoro veio em auxílio da criança, exortando-a:

– Pode dizer, meu filho: quem foi o homem pobre que foi morto depois de ser muito judiado?

– Foi o Zé Bostinha.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagim Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Arioaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Carolina Nassar Gouvêa, Danilo Zucato Robert, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rieilli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gottardello, José Aláercio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Ugo Labegalini (in memoriam), Valdo Resende e Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br



Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS



Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060

(35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulacao

Dynamise Farmácia de Manipulação

www.dynamisemanipulacao.com.br

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Novembro de 2024

Nº 629

ÚLTIMOTREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Dezembro de 2024

Dia 01	Luís Henrique Comune da Costa
Giuliano Guarini	Elenita Borges de Queiróz
Luíza Ribeiro Labegalini	Diego Durante Pennacchi
Dia 02	Eloísa Corsi Faraco
José Oscar Guirelli	Dia 17
Sara da Costa Pereira Bueno	Aparecida de C. Canela
Maria Inês R. Machado	Livia Bernardi Lopes
Laura Ortega de Almeida	Antonio A. Diniz Filho
Dia 03	Dia 19
Denise D. Parreira de Lima	Valéria C. Ribeiro Silva
Dia 04	Dia 21
Ronald Jacomassi Augusto	Ana Paula Comune
Charles Simões Cardoso	Magali Tavares Paes
Maria Helena Vilela	André Monteiro Schilltler
Diogo Labegalini de Castro	Maria Inês Lopes Mussi
Dia 05	Eugênia C. Monteiro
Adolfo Henrique de O. Simões	Geni Francisca Azevedo
Dia 06	Dia 22
Jéssica Monteiro	Fabiéli Bortoloti Faria
Larissa Luiza Pereira	Michaela de Souza Bueno
Paulo Luciano Bernardi	Dia 23
Dia 07	Fernando Henrique T. Araújo
Paulo Bitencourt	Silvana Ap. B. de Andrade
Rosana Ap. Vilela Bueno	Conceição Ap. Pereira
Adriana Costa Trindade	Telma B. Castro Ribeiro
Viviane Almeida	Natalina Campos Freire
Dia 08	Dia 24
Edson Arlindo Reginato	Amanda Emerick de Souza
Dia 09	Carlos A. S. da Silva
Lourdes de Souza Artuso	Thamara Cristina O. Gomes
Ricardo U. Rodrigues	Cleusa S. M. Monteiro
Silmara Ap. Righete	Dia 25
Dia 10	Antonio C. da Silva
Antonio Gotardelo	Cyntia Viegas Brunialti
Ricardo José Grossi	Teresa Vitoriano Queirós
André Luiz Faraco	Aparecida Landini
Rômulo Cardoso do Carmo	Viviani da Costa
Dia 11	Dia 26
Mariângela Ambrósio	Edivalson Corsi
Dia 12	Luiza B. de Castro Ribeiro
Ana Paula da Silva Oliveira,	Dia 27
Marcela Benedette Comune	José Ferreira Primo
Rosana Aparecida Bueno	Cibele Armelin
Tatiane Vilela Faria	Maria Ap. de Souza Bueno
Lúcia de Fátima A Ribeiro	Dia 28
Laércio de Souza Moraes	Olatini S. Pereira
Dia 13	Luiza Gâmbaro
Adriano Ferraz de Araújo	Rosa Florêncio da Rosa
Dia 14	Dia 29
Henrique Rieli Dematei	Maria Madalena Andreta
Dia 15	Aroldo Comune
Isac Faria Dorta	Maria Inês Andreta Araújo
Pedro C. Ribeiro Martins	Dia 30
Renata Monteiro	Taís Godoi Faraco
Ilacir Righete	Maria Ap. M. Monteiro
Fernanda Righete	Dia 31
Dia 16	Marcílio D. dos Santos
Franciele Silva Tozetti,	Renata Vieira de Toledo
Elisângela C. Marinas Machado	Débora E. Toledo
	Éder Oliveira

A todos, as felicitações da Redação!

AVANTI PALESTRA!

Dia 9 de novembro de 2024, os mais fanáticos, fiéis e assíduos torcedores monte-sionenses do Palestra Itália, o Parmera, se reuniram para mais um encontro/almoço anual, com excelente comida, bebida a vontade e brindes de recordação. Laços de amizade renovados e a eterna dedicação ao Palestra confirmada, o pessoal se esbaldou de alegria e felicidade, já esperando por 2025. Avanti Palestra!

PETRÔNIO MONTEIRO – MAIS UM POETA MONTE-SIONENSE

Também, em 9 de novembro de 2024, sob o patrocínio da FCPA-Fundação Cultural Pascoal Andreta, na Pousada Villa de Carpi, em Monte Sião, com salão lotado, ocorreu o lançamento póstumo do livro VOEJAR, de Petrônio Monteiro. O acervo cultural e literário da cidade fica mais rico com esta publicação tão merecida do autor, que será imediatamente incluída no Relatório de Pesquisa e no acervo dos autores de Monte Sião. Cumprimentos à família do autor e à FCPA pela iniciativa!

PARA REGISTRO: EVENTOS RECENTES OCORRIDOS NA CIDADE

27/10/24 – Desafio Monte-Sionense de Levantamento de Terra.
07/11/2024 – Final do campeonato municipal de futebol Troféu “Marcus Paulo Silva Reis” entre ABS Mococa e Alto da Serra, com resultado de 1x0, sagrando campeão o ABS Mococa.
09/11/2024 – Monte Sião Motocross.
09/11/2024 – Lançamento do li-

vro VOEJAR do poeta Petrônio Monteiro.
16 e 17/11/2024 – Segundo Encontro Anual de Automóvel Antigo e 3º Festival Gastronômico em Monte Sião – a Capital Nacional do Tricô.
24/11/2024 – Corrida e Caminhada do Rosário.
Em andamento: Concurso de Redação e Poesias nas escolas municipais de Monte Sião.

E O PEDÁGIO?

Parece que o pessoal já se conformou e pouco se ouve a respeito... engolimos o sapo, e pronto. Enquanto isto a tarifa aumentou de R\$9,20 para R\$9,60 e o prazo para pagamento da conta mudou de 15 para 30 dias. “Nois gosta di apanhá!”

CAMINHADO COM AS ESTRELAS – LANÇAMENTO EM SÃO PAULO

Dia 10/11/2024, Gilson Alves recebeu amigos e convidados para o lançamento da segunda edição de seu livro Caminhando com as Estrelas, onde narra maravilhosamente sua experiência nas trilhas do Caminho de Santiago, na Livraria Drumond, no Conjunto Nacional, em São Paulo, a partir de 17 horas. Entre autógrafos e animadas conversas todos se divertiram e se regozijaram com o evento. Parabéns, Gilson, esperamos poder realizar o evento em Monte Sião, oportunamente.

QUEM SE LEMBRA DO FOOTING NO JARDIM, NOS FINAIS DE SEMANA?

Dá uma “baita sodade” lembrar das intermináveis caminhadas

no footing do Jardim de nossa cidade. Homens à direita, mulheres à esquerda, caminhando em sentido contrário, olhares furtivos, elogios rápidos e, quem sabe, o início de um namoro tímido, tempos depois seguido de sessões no cine Brasil do Cid e do Waldemar Gottardello. Quantos casamentos começaram no footing do nosso jardim!

FOTOGRAFIAS DE MONTE SIÃO

Há um grupo no Facebook intitulado “Fotografias de Monte Sião”, administrado por Fernando Tiago Simões, que vem coletando e colecionando interessante registro histórico da cidade por intermédio de fotografias e comentários testemunhais de moradores atuais e mais antigos. Boa parte das fotos dos últimos 30 anos foram registradas pelo nosso amigo José Claudio Faraco. Garanto que vale a pena dar uma olhada, cadastre-se!

PROERD – PROGRAMA EDUCAÇÃO DE RESISTÊNCIA ÀS DROGAS E À VIOLÊNCIA

Com a participação de 360 alunos da rede de ensino de Monte Sião, sob o apoio de Évora Imóveis e outras entidades, e atividades pedagógicas promovidas pelo policial Romulo de Oliveira Santos, o PROERD realizou concurso de redação com ampla participação do alunado. A premiação aconteceu em concorrido evento de formatura, abrilhantado, também, pela música da Banda Lira Monte Sião. Parabéns aos idealizadores, aos implantadores e aos alunos.

CANÇÕES DE MONTE SIÃO

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, letras de canções de músicos monte-sionenses.

DIA DE CHUVA TORRENCIAL / A DAY OF POURING RAIN

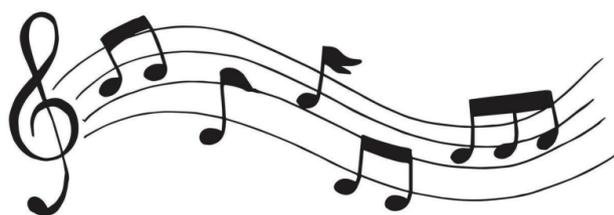
DAN ZUCATO

(traduzida do inglês).

Eu não vou comprar-lhe alguma coisa
Eu queria que ela gostasse de mim por tudo que eu fui
Então espere e assista o tom do dia
E certifique-se de que o que você vê é um tom brilhante de cinza

Mas, de todas as cores que eu conheço, há uma que eu prefiro
E a cor é aquela que me faz lembrar dela
E agora seu sorriso volta para assombrar minha mente
Então, como eu poderia viver se agora eu sei que eu era tão rude?

Eu estou dizendo, meu amigo, agora eu vivo com fantasmas em torno de minha mente
Eu vivo sem esperança de salvar minha alma, porque eu cruzei aquela linha
E como eu poderia voltar àquela cidade, se eu sei que não vai ser o mesmo
Eu estou esperando para que os anjos me levem em um dia de chuva forte.



ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE

(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulistas

TELESON
TELECOM

Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

- Teste do Pezinho ampliado
- Credenciamento com os Laboratórios: GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo) HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

Sebo do Ismael

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco – 410 – Águas de Lindoia – SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180